

---

## **“Arrumando Letras” no Megafone da Internet: Produções de Sentidos, Misoginia, Lógica do Patriarcado, Desconstruções e Ressignificações nas Narrativas da MPB<sup>1</sup>**

Sheila FERREIRA PINTO<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

A pesquisa busca analisar a misoginia e a lógica do patriarcado nas letras de música da MPB, e como essas afetações vieram posicionando a mulher nos aspectos sociocultural e político-econômico. Através da Netnografia, investigar como as novas ondas feministas utilizam as redes sociais. O fórum feminista “Arrumando letras”, sendo território de expressão, um “dispositivo” possível de desconstrução e ressignificação. a) analisar se pode a música, influenciar aspectos indenitários através da percepção dos sentidos das narrativas, b) mapear os apontamentos e as ressignificações das letras no fórum e c) investigar como as mulheres da cena musical vêm cantando letras de empoderamento, questionando a naturalização de construções patriarcais, com o objetivo de entendê-las como importante ferramenta de combate ao estigma da mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativas; lógica do patriarcado; música; redes sociais; ressignificação.

### **1. Introdução**

A música brasileira foi cronista de costumes desde que teve uma identidade própria a partir do fim do século XVIII com as modinhas e lundus de Domingos Caldas Barbosa, sendo reflexo direto do tempo em que cada canção foi composta. Atualmente, novas ondas feministas na Internet interrogam se a MPB (Música Popular Brasileira) é ou foi machista. A polêmica atual envolve Chico Buarque de Hollanda e sua música “tua cantiga”, pois este mesmo compositor, conhecido por escrever canções valorizando a mulher, hoje é acusado de misoginia<sup>3</sup>, já que a referida canção retrata a história de dois possíveis amantes, sendo que o homem exerce opressão sobre a mulher. Cabe ressaltar que Chico Buarque produziu letras para mulheres como se estas estivessem dialogando. Pelo menos, foi este o imaginário vigente por décadas quanto a este compositor.

A MPB veio ganhando contornos atrelados aos termos sociológicos e ideológicos, porém menos estéticos (NAPOLITANO, 1999). Como termo musical

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 6 - Interfaces comunicacionais: GP Comunicação, Música e Entretenimento, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Cultura e Territorialidade no PPCULT UFF (Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidade da Universidade Federal Fluminense), Mestranda em Comunicação na PUC-RIO (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), E-mail: sheilaferreirapinto.mestrado@gmail.com

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/misoginia/> Acesso: 18/06/18.

associado à “alta cultura”, se tornou um produto da indústria cultural e de massa desde a década de 60, já que a marca MPB passou a servir não só como classificação de um tipo musical pronta para o consumo, mas abarcou vários gêneros, como o samba, a bossa nova, o pop, o sertanejo e o rock produzidos no Brasil, dentre outros estilos pluralistas nacionais.

Em se tratando de analisar as narrativas das letras presentes nas músicas da MPB, a refutação é quase que um aniquilamento da expressão de arte, pois praticamente parece não haver uma predisposição compreensiva da subjetividade da peça, ou mesmo da projeção artística e estilística em sua construção das letras. As narrativas, de forma histórica, vêm sendo utilizada como recurso para descrever, lembrar e gravar a informação. Sendo as letras presentes nas músicas uma espécie de “narrativa cantada” e dispositivo de informação, o discurso é analisável sobre as letras com misoginia e lógica do patriarcado, presentes na MPB.

Conforme reivindicam os movimentos feministas contemporâneos, que têm diversas diretrizes, as diferenças precisam ser analisadas e consideradas. Entretanto, no presente artigo, o que se pretende avaliar é como a MPB foi desenhando os aspectos socioculturais, políticos e econômicos, colocando a mulher para ocupar um determinado papel (de submissão), e como a MPB reforça a lógica do patriarcado, paralelamente. É possível as novas ondas feministas desconstruírem as letras das músicas com caráter de misoginia, presentes na MPB e nas sonoridades midiáticas, utilizando as redes sociais, enquanto um “dispositivo” de libertação, como um “megafone” das suas causas? Pode a música, como movimento artístico, influenciar aspectos identitários através da percepção dos sentidos das narrativas?

## **2. O lugar que Colocaram a Amélia e o Lugar que Amélia Deseja Ocupar**

A historicidade da música foi marcando o papel da mulher no tempo e o seu lugar. Nas cantigas de amor, no sistema hierárquico na época do feudalismo, os trovadores colocavam a mulher em um lugar de ocupação, o que pode ter delineado a sua própria subjetividade. Ela era descrita como namorada, amada ou abandonada, na posição de submissão. Logo é possível afirmar que a constituição da composição é refletida pelo momento de sua criação e seu cenário em volta.

Na falta de instituições políticas, o patriarca, neste caso o homem, é soberano em suas decisões - com autoridade máxima sobre os seus comandados (família e

---

escravos) -, e com base na noção de honra familiar, poderia punir com exclusão, morte, ostracismo etc. Supostas traições por mulheres a seus maridos eram alvos de punição com a morte, sem que instituições jurídicas mais amplas se colocassem a esse poder arbitrário dos patriarcas, senhores absolutos de seus domínios de terras.

A discussão sobre o feminismo retornou o conceito de patriarcado para identificar e especificar como o poder tem sido exercido por homens com relação às mulheres. Análises mais recentes demonstram que os sistemas políticos liberais, que se mostraram, particularmente, críticos da analogia entre o poder monárquico e as relações familiares (PATEMAN, 1988), pararam suas transformações no meio do caminho quando deixaram de fora da análise as relações homens e mulheres no que diz respeito ao uso da sexualidade (FREYRE, 1933).

Historicamente, as mulheres vêm sendo descritas pelas narrativas das letras de músicas, como, por exemplo, em 1942, a música “Ai! Que saudade da Amélia!”, composta por Mário Lago e Ataulfo Alves. Música que retratava uma mulher passiva e dependente (Às vezes passava fome ao meu lado/Às vezes passava fome ao meu lado/E quando me via contrariado/Dizia "Meu Filho, que se há de fazer?"/Amélia não tinha a menor vaidade/Amélia que era mulher de verdade). Em 2018, a letra da música foi desconstruída e ressignificada pela cantora Gaby Amarantos, que reescreve o mesmo trecho da música de 1942, porém dando a possibilidade da Amélia se colocar no lugar que ela deseja ocupar (Amélia não tinha a menor vaidade/Ela também era Mulher de verdade/Mas eu nasci com a ideia de ter igualdade/Pra Amélia experimentar liberdade).

### **3. Um Tapinha Dói? – Sim!**

Em meio à polêmica e vozes dissonantes, debate-se sobre a falta de compreensão histórica e das subjetividades que constituem essa construção. Talvez uma crítica possível seja exatamente relativa ao fato de que quando se tem uma visão reducionista sobre a obra, corre-se o risco de não se entender que outros extratos da sociedade vivenciem essa realidade, já que nem todas as mulheres são empoderadas e têm relacionamento com parceiros feministas.

A presença do patriarcado é flagrante na violência de gênero, como descrito na música “Um Tapinha Não Dói!”<sup>4</sup> Tal situação foi objeto de mobilização pelo movimento de mulheres, dando origem a instrumentos de políticas públicas, como

---

<sup>4</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Um\\_Tapinha\\_n%C3%A3o\\_D%C3%B3i](https://pt.wikipedia.org/wiki/Um_Tapinha_n%C3%A3o_D%C3%B3i) Acesso: 25/08/17.

abrigos e delegacias de mulheres, bem como leis de combate à violência doméstica (Lei Maria da Penha). O estabelecimento de políticas públicas de combate às desigualdades passa pela inclusão de mulheres no aparato estatal e, também, por uma mudança cultural que corrija rumos no caminho da democratização na relação entre homens e mulheres no espaço doméstico e no espaço público, pois a misoginia é um fenômeno sociológico e político. Segundo Phumzile Mlambo-Ngcuka (chefe da agência das Nações Unidas - ONU) mulheres enfrentam desigualdades no acesso aos empregos e à educação, sobretudo porque gastam mais tempo que os homens em tarefas domésticas:

Queremos construir para as mulheres um mundo do trabalho diferente. Conforme as meninas cresçam, elas devem ser expostas a um vasto leque de carreiras e encorajadas a fazer escolhas que as levem além dos serviços tradicionais e de cuidado, para profissões na indústria, na arte, no serviço público, na agricultura moderna e na ciência.<sup>5</sup>

De acordo com pesquisa<sup>6</sup> realizada pelo IBGE, que analisou trabalhadores em ocupações por tempo parcial (até 30 horas semanais), o período trabalhado é maior entre as mulheres (28,2%) do que entre os homens (14,1%). Um possível entendimento é que esse dado apurado possa estar relacionado à predominância feminina nos cuidados de pessoas e afazeres domésticos, aos quais as mulheres trabalhadoras dedicavam 73% a mais das horas em relação aos homens. O que torna a jornada dupla para as mulheres. A pesquisa também apurou que as mulheres são mais escolarizadas que eles. Porém, o salário delas equivale acerca de  $\frac{3}{4}$  dos homens. E, para arrebatar o diagnóstico que a pesquisa se propôs a mapear, os homens ocupam 60,9% dos cargos gerenciais (públicos ou privados), contra 39,1% pelas mulheres, em 2016. A Universidade Federal do Ceará, em parceria com o Instituto Maria da Penha, mostrou os impactos da violência doméstica na vida profissional das mulheres<sup>7</sup>, que chegaram a faltar dezoito dias por ano por incapacidade física e psicológica, ou para realizar tratamentos.

#### 4. Data de Validade

Ao longo do tempo, as letras da MPB, através da indústria cultural (MORIN, 2018) fonográfica, reforçando a lógica do patriarcado, foram posicionando a mulher

<sup>5</sup> Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mulheres-ainda-enfrentam-desigualdade-no-acesso-a-empregos-e-educacao-diz-onu/> Acesso: 25/08/17.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho.html> Acesso: 10/06/18.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/08/pesquisa-mostra-que-violencia-domestica-impacta-vida-profissional.html> Acesso: 30/08/17.

social e politicamente, por consequência, delineando sua subjetividade entorno do corpo e da sexualidade, da liberdade, da submissão, de objetificação e estereótipos. A partir de 1902, quando a indústria fonográfica foi implementada, praticamente não havia compositoras/letristas. Era difícil a mulher conquistar o lugar de fala. A mulher tramitava entre “a musa idealizada e o diabo de saias”, exercendo um misto de fascínio e repúdio dos compositores. “O sentido depende da relação entre as coisas no mundo – pessoas, objetos e eventos, reais ou ficcionais – e do sistema conceitual, que pode funcionar como representação mental delas”. (HALL, 2016, p. 36).

Para as novas ondas feministas, são muitos os atravessamentos: - a classe social, racial-étnica, educacional e de faixa etária, como a questão de “envelhecer”, pois existe um imaginário em que a mulher possui data de validade. Estigma este, talvez pela associação da pressão da idade reprodutiva e questões ligadas ao corpo, e muitos outros desdobramentos e deslocamentos. No que tange o percurso do imaginário sobre a mulher até a sua materialização na obra musical, o caminho é longo e subjetivo, como narrado musicalmente pelo Mc Denny<sup>8</sup> na música “Eu vi essa mina crescer”, onde destaca a preferência pela “novinha” (Eu vi essa mina crescer/Vi papai criar também vi mamãe bater/Agora ela tá pedindo pra eu comer/Agora ela tá pedindo pra eu comer, a novinha).

## **5. Solta o Som! Editado!**

O compositor Chico Buarque, ainda que seja muito sensível e poeta, traz em sua nova música “Tua Cantiga” a polêmica das letras na MPB. Mas ele pertence à classe social letrada, sem implicação financeira, econômica e social, em contraponto aos compositores da periferia, que retratam a realidade adversa que os cercam. Realidades observadas na música “Faixa amarela”, do sambista Zeca Pagodinho (Mas se ela vacilar / vou dar um castigo nela / Vou lhe dar uma banda de frente / Quebrar cinco dentes e quatro costelas) e na obra ou do considerado fundador da axé music, Luiz Caldas, com a música “Fricote” (Nega do cabelo duro / Que não gosta de pentear...). Ambos os cantores, que diante da polêmica no que cerne as composições mencionadas, hoje se recusam a interpretá-las ou preferem fazer adaptações na obra.

## **6. Redes Sociais como Dispositivo Megafônico das Causas Feministas**

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-denny/eu-vi-essa-mina-crescer/> Acesso: 27/06/18.

---

Diante do vasto campo especulativo e interpretativo sobre as questões das militâncias feministas que se ampliam, reverberando em larga escala nas redes sociais, vale a pena destacar que estas utilizam tais ferramentas eletrônicas como uma espécie de “megafone virtual” de suas causas. Um bom exemplo disto é o fórum feminista “Arrumando Letras”, onde obras musicais são examinadas e “modificadas” no que tange as partes consideradas lógica do patriarcado e misoginia. Para tanto, analisa as narrativas presentes nas letras da MPB - lugar de fala e expressão- com função de “dispositivo” possível de desconstrução e ressignificação da obra de arte. Neste caso, a música.

O facebook, como dispositivo, através do olhar feminista, demonstra, em caráter de originalidade, um cenário propício para análise das letras das músicas da MPB. Contudo, torna-se vital investigar o fenômeno da mutação do som em imagem, o que possibilita analisar letras de músicas da MPB no facebook (que funciona como um dispositivo analítico), por exemplo. Em tal rede social, existe a facilidade de se conectar com 300, 500 “amigos”, algo que seria irreal para uma convivência cotidiana com qualidade, considerando os relacionamentos líquidos e dissolventes (BAUMAN, 2001), que constituem os fóruns feministas. E esse cenário vem fornecendo e criando material de consumo e produção do feminismo para o feminismo, demarcando um novo comportamento de consumo.

Através do facebook os indivíduos podem demonstrar as suas mais variadas facetas, e até controlar a sua visibilidade, articulando-se através dos recursos expressivos para repelir aquilo que não faz parte do seu repertório ideal. Então, o discurso do ódio (FREIRE FILHO, 2013) entra em voga pela polarização de ideias. O ódio é uma forma de tristeza ligada a um objeto exterior que imaginamos como sua causa. E essa tristeza está ligada à ideia de impotência. (SPINOZA, 1965).

A diferença entre polêmica e diálogo é a possibilidade de conversa ou isolamento. A intensão de polemizar vem da necessidade da crítica como imposição, convencimento ou até mesmo exclusão do “diferente”, pois é o entrenchamento sem troca, sem entendimento, pois não se deseja a abertura compreensiva, mas sim um digladiar ideológico. Contudo, o diálogo traz à luz o exercício do atravessamento de ideias, porque pressupõe, a priori, a abertura para o outro. O diálogo só é possível a partir de duas coisas: - O campo semântico é de experiência comum, para que se possa

---

dialogar; a necessidade de uma abertura para ouvir e ser ouvido, para que a troca seja realizada (FOUCAULT, 2015).

O facebook, como uma organização social de componentes culturais, funciona como um “dispositivo” tecnológico capaz de fertilizar o capitalismo de uma forma mais ágil e voraz. Se caracteriza, também, pela superprodução e consumo, no qual vigoram os serviços e os fluxos de finanças globais, um conjunto multilinear. É composto por linhas de naturezas diferentes, e essas linhas do “dispositivo”, não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes; formam processos sempre em desequilíbrio. E essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada linha está quebrada e submetida a variações de direções bifurcadas, enforquilhadas, submetidas às derivações. (DELEUZE, 1992).

Pode-se, ainda, considerar a internet um “dispositivo” que nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo (controle) sem nenhum fundamento no ser. Por isso, os “dispositivos” devem implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito. Este “dispositivo” é capaz de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. (AGAMBEN, 2009).

Com a “viralização” da informação, a opinião é consumida vorazmente com infinitos desdobramentos subjetivos, já que não pode ser controlada e não deriva de nada fundamentado, e torna-se parte do discurso de outros indivíduos, ficando a mercê de uma aprovação ou desaprovação. O indivíduo não é apenas receptor de conteúdos, ele tem papel de agente, que constrói o próprio conteúdo e obtêm audiência. Temos aí o surgimento de um novo capital – a opinião. O meio passa a ser mais que um transmissor de ideologia; é um instrumento de direcionamento ou “fábrica” de produção de subjetividades no humano. A mídia faz parte constituinte de uma nova forma de vida, que culmina no surgimento de novos “moldes”, dependentes de informação e tecnologia (SODRÉ, 2014).

O enfretamento por uma hegemonia (GRAMSCI, 2001) crítica, principalmente em comentários no facebook, no que tange a obra musical, parece um “cercamento míope” entorno de uma alienação; é mais do que uma descrição de emoções ou de aspectos individuais. É a consequência do modo capitalista de organização social, que assume novas formas e conteúdos em seu processo de separação e reificação da vida



humana. E essas brechas, dicotomicamente, unem e afastam, pois o importante é o debate, este que desconstrói para ser ressignificado.

## 7. Arrumando Letras: Desconstruindo e Ressignificando as Narrativas da MPB

As militâncias feministas se ampliam utilizando as redes sociais como “lugar” de fala e expressão. Redes sociais estas, veículo com função de “dispositivo” passível de desconstrução e ressignificação das narrativas. Para se compreender como as músicas com caráter de misoginia e lógica patriarcal presentes na MPB são desconstruídas e ressignificadas, é de suma importância a iniciativa do fórum “Arrumando letras”<sup>9</sup>, este situado no facebook, com, mais ou menos, 252.361 seguidores, onde destacam-se três momentos, que historicamente demonstram como as mulheres vêm sendo posicionadas na sociedade contemporânea. Algumas músicas tiveram mais visibilidade, como, por exemplo, “Marina”<sup>10</sup>, de Dorival Caymmi (1947), “Faixa Amarela”<sup>11</sup>, de Zeca Pagodinho (1998) e “Tua Cantiga”<sup>12</sup>, do Chico Buarque (2017).

Figura 1 – Ressignificação da letra da música “Marina”, do Dorival Caymmi (1947).



Fonte: fórum Arrumando Letras, postagem de 20/06/17.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/paginaarrumandolettras/> Acesso em: 25/08/17.

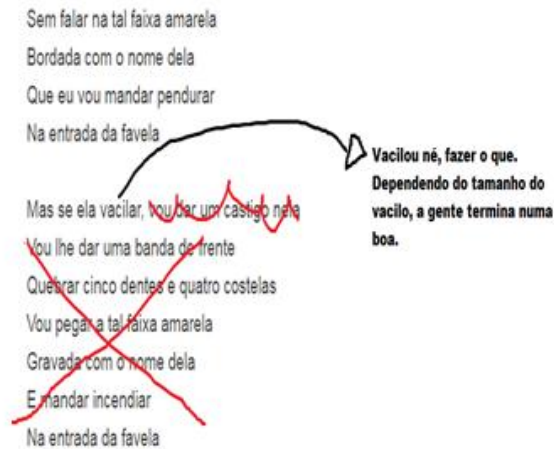
<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/paginaarrumandolettras/> Acesso em: 25/08/17.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/paginaarrumandolettras/> Acesso em: 25/08/17.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/paginaarrumandolettras/> Acesso em: 25/08/17.

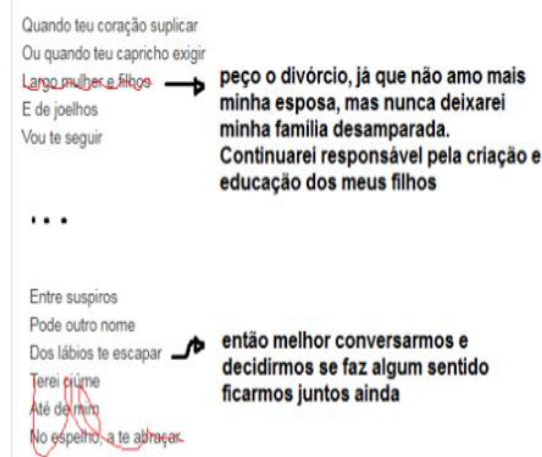


Figura 2 – Resignificação da letra da música “Faixa amarela”, do Zeca Pagodinho (1998).



Fonte: fórum Arrumando Letras, postagem de 27/03/17.

Figura 3 – Resignificação da letra da música “Tua cantiga”, do Chico Buarque.



Fonte: fórum Arrumando Letras, postagem de 14/08/17.

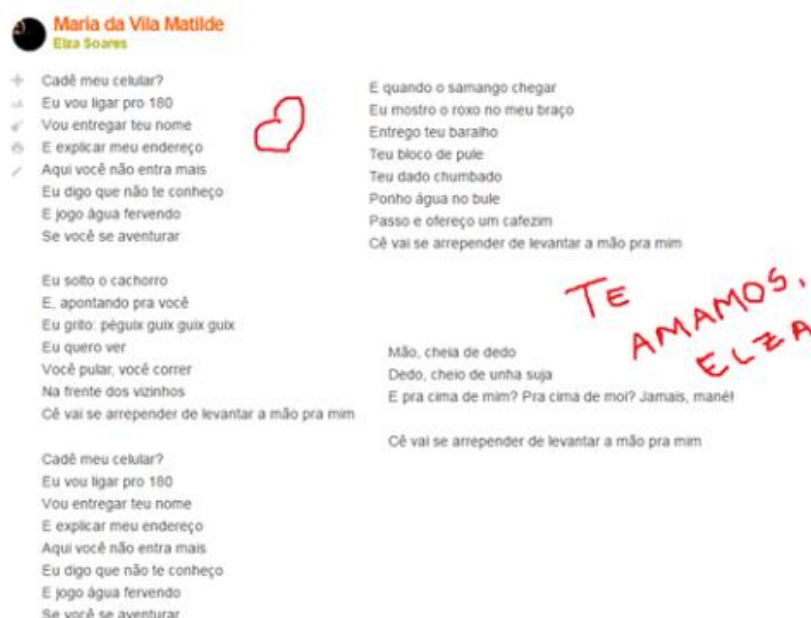
Não se trata, porém, de patrulhar os autores, mas sim demonstrar como as mulheres foram alocadas nas obras citadas. E, como uma forma de reconstrução, elas encontram no “dispositivo” facebook um lugar para desconstrução e resignificação das letras das músicas. As mulheres incorporam em seu cotidiano as narrativas, e se descrevem utilizando-se de suas causas e subjetividades. Do mesmo jeito que essa rede vem se expandindo a música, as mulheres encontram “brechas” para debater como são retratadas; elas questionam, reclamam, denunciam, discordam, em suma, a mulher passa a ter o poder da desconstrução da arte, exercendo a liberdade de expressão, a luta contra a dominação, as relações estruturais de desigualdade e opressão (KELLNER, 2001). “E, talvez em nenhum outro país da América Latina, como no Brasil, a música tenha

permitido expressar, de modo tão forte, a conexão secreta que liga o ethos integrador com o pathos, o universo do sentir”. (MARTÍN-BARBERO, 1997).

## 8. As Novas “Amélias”

As lutas feministas ganham ainda mais força com mulheres cantando músicas de composições de empoderamento, que reforçam as causas feministas e contra a naturalização da lógica do patriarcado e da misoginia. As mulheres que fazem parte do cenário musical vêm requerer equidade entre gêneros, na busca pela liberdade contra os estereótipos demonstrados pela MPB. Unindo vozes em diversos gêneros musicais, como rap, pop, funk, sertanejo, heavy metal, entre outros, elas vêm contribuindo para a luta diária. Quebrando o tabu do “sofrer calada”, elas denunciam a violência doméstica. A cantora Elza Soares<sup>13</sup>, que foi casada com o jogador de futebol Garrincha, na década de 60, ele em final de carreira, alcoólatra e violento, agrediu diversas vezes a Elza, que, inclusive, o que culminou em danos físicos e psicológicos. Em 2015, por, supostamente, ter aproveitado de sua experiência dolorosa do passado, a cantora lançou a música “Maria da Vila Matilde”, onde buscou denunciar a violência doméstica:

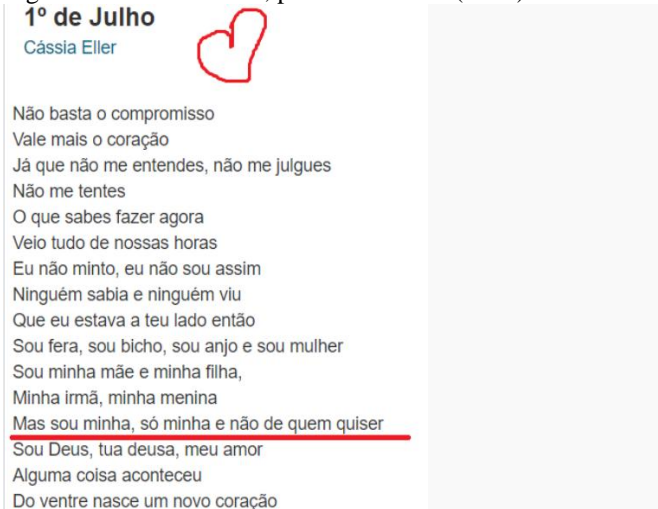
Figura 4 – “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares (2015)



Fonte: fórum Arrumando Letras, postagem de 27/05/17.

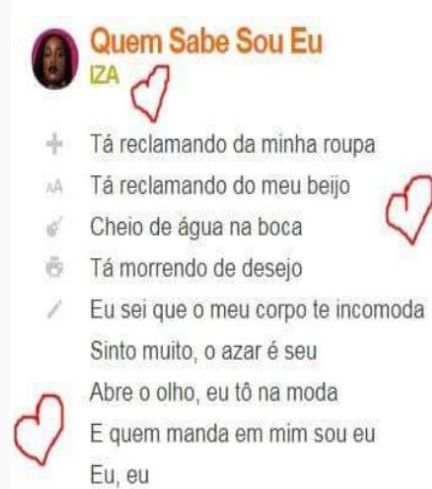
<sup>13</sup> Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/elza-soares-voce-precisa-conhecer-a-historia-dessa-guerreira/> Acesso: 10/05/18.

Figura 5 – “1º de Julho”, por Cássia Eller (1994)



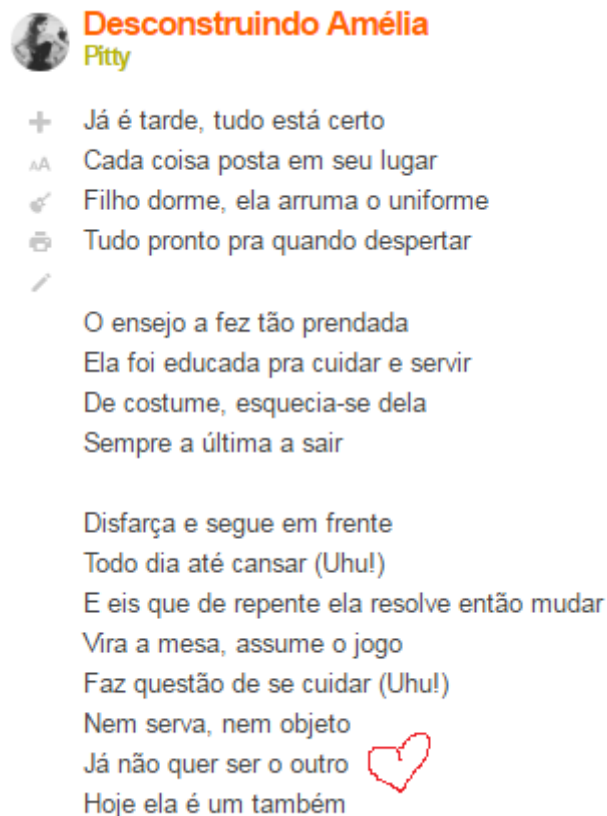
Fonte: fórum Arrumando Letras  
postagem de 08/03/18.

Figura 6 – “Quem Sabe Sou Eu”, Iza (2016)



Fonte: fórum Arrumando Letras  
postagem de 21/01/18.

Figura 7 – Desconstrução da letra da música “Ai! Que saudade da Amélia!”, de Mário Lago e Ataulfo Alves (1942) e Ressignificação através da música “Desconstruindo Amélia”, de Pitty (2009)



A despeito de tanto mestrado  
Ganha menos que o namorado  
E não entende porque  
Tem talento de equilibrista  
Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18  
Nem Balzac poderia prever  
Depois do lar, do trabalho e dos filhos  
Ainda vai pra night ferver

Fonte: fórum Arrumando Letras, postagem de 13/05/17.

## 9. Considerações Finais

Talvez as relativizações sobre tais questões, compareçam por ser uma reflexão de ordem social; caminho necessário para entender os motivos que vêm reprimindo a mulher. Com a emergência das redes sociais, as músicas produzidas pela uma indústria cultural ganharam uma profusão muito maior, fazendo com que o próprio meio de debates de opiniões diversas, como por exemplo, o facebook, seja um dos lugares em que elas, através de fóruns, tornam cada vez mais forte o poder do questionamento e, assim, elas passam a se apropriar das narrativas, através da constante análise das obras na MPB. O fenômeno, pontapé inicial, responsável pelo surgimento da análise crítica dessas narrativas cantadas, se deve, talvez, às novas práticas sociais e aos domínios do saber, ou até mesmo às tecnologias mais modernas (CRARY, 2012).

Ao analisar o movimento da MPB, é possível obter subsídios para que se possa mapear como as narrativas procuram reforçar o papel e os lugares sócio-político e econômico que a mulher deve ocupar, pelo olhar da lógica do patriarcado. Um possível entendimento é que a composição autoral das obras fonográficas é reflexo do momento de sua elaboração; que é descritiva quanto ao cenário no momento da criação. Ao passar do tempo, o cenário sócio-político-cultural, ressignifica a leitura da obra em sua reprodução em outro tempo, dando um novo sentido para a narrativa.

A iniciativa do fórum “Arrumando Letras” convida a analisar cada palavra dita nas narrativas expressas nas letras da MPB, logo, chama atenção a presença da lógica do patriarcado e da misoginia. É possível que as letras venham colocando a mulher em um determinado lugar na sociedade, politicamente e culturalmente, ao de submissão, entre outros muitos estereótipos. O cotidiano força um automatismo de repetição de discurso,

porém, é importante uma mudança no modo de pensar sobre a língua, e sobre como a usamos, necessariamente, como uma fundamental ferramenta para alterar o modo como sabemos o que sabemos, ressignificando a língua como uma espécie de rebelião através das palavras para ocupar e marcar o lugar da mulher, tomar a posse da língua como um dos locais de resistência (HOOKS, 2013). Já que a mulher diariamente precisa se colocar, seja no ambiente de trabalho, familiar ou social, no lugar em que ela deseja ocupar, e não necessariamente ao de “Amélia”.

Sendo assim, através das redes sociais – campo de disputa pela melhor metáfora -, a subjetividade empregada nas letras da MPB pode ser desconstruída com a instauração da vocalização das militâncias feministas.

Na medida em que hibridações socioculturais comparecem em nossa sociedade (reconfigurando e ressignificando diversos aspectos da nossa vida), torna-se emblemático o contínuo estudo da questão de gênero e os fenômenos comunicacionais de recepção na construção da imagem da mulher, bem como, as interseccionalidades (gênero, sexualidade entre outros) e os aspectos das artes.

As ponderações encontradas na presente pesquisa tem o escopo de contribuir para um debate mais amplo e estão passíveis de serem superadas por investigações futuras.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34 e Nova Fronteira, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2015.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz na terra: 2016.

FREIRE FILHO, João. **A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e ódio nas redes sociais**. Manuas: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-2085-1.pdf> Acesso: 10/05/17.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família patriarcal no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere. Vol. II.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira: 2001.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere. Vol. I.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira: 1999

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: Edusc, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no Século XX: o espírito do tempo – neurose e necrose.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

NAPOLITANO, M. **O conceito de ‘MPB’ nos anos 60. IN: História: questões & debates.** Ano 16- nº31, julho/dezembro 1999. Curitiba: Editora UFPR, 1999.

PATEMAN, Carole. **The sexual contract.** *Stanford, Califórnia: Stanford university press, 1988.*

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SPINOZA, Baruch. **Ethique.** Paris: Flammarion. 1965.